

Brasil prepara mudanças para a década

Não há nenhuma cabeça iluminada capaz de detalhar com segurança como será o Brasil dos anos 90. Uma coisa, porém, é certa: o País que está em formação, neste começo de década, será muito diferente do atual. Economistas, cientistas políticos e sociais, educadores, artistas e todos aqueles que ousam traçar o esboço do Brasil do futuro acreditam que mudanças profundas estão a caminho. Para identificar as principais linhas dessas mudanças, o Estado reuniu dez personalidades da vida nacional — que escreveram artigos especiais sobre os cenários mais prováveis para o Brasil, no período de 1991 a 1995.

O horizonte que surge, a partir das previsões desses especialistas, pode até surpreender. Mas é bastante integrado e coerente. Eles reconhecem que o País atravessa uma fase dura, em todos os campos — da economia, que paga o preço da recessão pela derrubada da inflação, à cultura, que passa pelo apreendimento de refazer suas estruturas de apoio, sem o paternalismo do governo. Mas eles reconhecem que essa

ruptura representa uma oportunidade única para se iniciar as reformas exigidas pelo País há muito tempo.

Os economistas, por exemplo, consideram que nunca esteve tão próxima a estabilização da inflação. E essa condição é essencial para a retomada do desenvolvimento. Só com uma certa calma nos preços, o governo e as empresas poderão se debruçar sobre os problemas do longo prazo. “A estabilização virá inexoravelmente”, arrisca Paulo Rabello de Castro, da Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro. Até 1995, segundo ele, a economia brasileira já terá uma “cara nova”, que irá mostrar crescimento em direção ao interior, abertura para o Exterior e renegociação da dívida externa.

O cientista social Hélio Jaguaribe também acredita que a inflação está prestes a ser domada. Aí, então, será possível partir para a eliminação do dualismo que caracteriza a sociedade brasileira: uma parte vivendo isolada dentro de um “moderno país industrial” e outra, correspondente a qua-

se 60% da população, condenada à marginalidade. Para isso, segundo Jaguaribe, o governo terá de investir pelo menos US\$ 20 bilhões ao ano, por um prazo de 12 a 15 anos.

A face política do Brasil de 1995, de acordo com o cientista político Bolívar Lamounier, deverá ser “melhor do que a atual”. Daqui a cinco anos, o País terá partidos políticos mais fortes, será menos populista e provavelmente viverá sob o regime parlamentarista.

A educação e a cultura também poderão mudar bastante nos próximos anos. A receita para tirar a educação do “fundo do poço”, segundo especialistas da área, começa com o combate à demagogia e vai até a recuperação do status do professor. O crítico de cinema Jean-Claude Bernardet acredita que o cinema brasileiro só tem a ganhar com o fim do amparo do Estado. Vai ser obrigado a montar novos sistemas de produção, que acomodem até os interesses da TV — encarada, até pouco tempo atrás, como a grande ameaça ao futuro do cinema.